

The background of the cover is a photograph of an archaeological excavation site. It shows a grid of thin white lines on a dark, sandy ground. Numerous stones of various sizes and shapes are scattered across the site, some appearing to be part of a larger structure or arrangement. The lighting is bright, casting shadows on the sand.

AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses
Volume 70

PALEOLÍTICO EM PORTUGAL
— NOVOS DADOS, NOVAS PERSPECTIVAS

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

70

Ano de Edição

2020

Ano Associativo AAP

2018

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e Andrea Martins

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia da capa

Estrutura pétrea de Rôdo (Gomes *et al.* – artigo 6)

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

5 Editorial

José Morais Arnaud

PALEOLÍTICO EM PORTUGAL – NOVOS DADOS, NOVAS PERSPECTIVAS

9 Análise comparativa entre o Acheulense de Grandes Lascas e o Acheulense “Tradicional” no Centro de Portugal

Alexandre Varanda

25 O aprovisionamento de matérias-primas líticas no centro da Península Ibérica no Paleolítico Médio – Estado da questão

Ana Abrunhosa, Belén Márquez, David M. Martín-Perea, Juan Luis Arsuaga, Alfredo Pérez-González, Enrique Baquedano

39 *Ground Stone Tools*: análise funcional quantitativa à escala macro e microscópica

Eduardo Paixão, João Marreiros

51 Cadeias operatórias do Paleolítico Médio da bacia do Arneiro

Nelson Almeida

75 Novos dados para a compreensão da ocupação humana na Fonte Santa (Torres Novas)

Luis Gomes

95 Contextos de descoberta e desafios do estudo dos sítios pré-históricos do Aproveitamento Hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida

Sérgio Gomes, Lurdes Oliveira, Cristina Gameiro, Carmen Manzano, Alicia Ameijenda, Bárbara Costa, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

115 A Indústria lítica do Gravettense Médio do Vau (Médio Vouga): apresentação de dados preliminares

Carmen Manzano, Cristina Gameiro, Sérgio Gomes, Bárbara Costa, Alicia Ameijenda, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

133 Dinâmicas de vegetação no final do Pleistocénico e início do Holocénico no atual território português

Cláudia Oliveira, João Pedro Tereso

147 Contributos para a caracterização do período tardiglacial no Médio Vouga: a indústria lítica do Rôdo, Vau e Bispeira 8

Cristina Gameiro, Carmen Manzano, Barbara Costa, Alicia Ameijenda, Sérgio Gomes, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

171 Ensaçando interpretações para a arte de transição do Vale do Sabor

Sofia Soares de Figueiredo, Pedro Xavier

185 O povoamento humano durante o Tardiglacial na Bacia do Guadiana: revisão dos dados

Cristina Gameiro, Francisco Almeida

ARTIGOS

203 Artefactos cilíndricos de Vila Nova de São Pedro – a colecção do Museu Arqueológico do Carmo (Lisboa)

Andrea Martins, César Neves, Mariana Diniz, José Morais Arnaud

225 Pensar o consumo enquanto categoria de análise arqueológica: notas para uma abordagem social e cultural

Francisco B. Gomes

- 237 Arqueologia e a Sociedade Portuguesa: definições, papéis e perspectivas do Passado no Presente
Daniel Carvalho
- 255 Do Carmo a São Vicente – Parte I. Colóquio de Homenagem a Fernando E. Rodrigues Ferreira (1943-2014)
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida
- 257 Manipulações cranianas da Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo)
Mário Varela Gomes, Carlos Didelet Vasques
- 277 Os azulejos do Convento de Santana de Lisboa: primeira abordagem
Mariana Almeida, Rosa Varela Gomes, Mário Varela Gomes
- 295 Artefactos de azeviche do Convento de Santana de Lisboa
Mário Varela Gomes, Rosa Varela Gomes, Joana Gonçalves
- 313 A Batalha do Vimeiro numa perspectiva arqueológica
Rui Ribolhos Filipe
- 329 Fernando Rodrigues Ferreira e Conceição Machado: a propósito da questão da ocupação pré-portuguesa no arquipélago dos Açores
José Luís Neto

RELATÓRIOS

- 341 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2018
José Morais Arnaud
- 347 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2018
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 353 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2018
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 357 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida
- 365 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018
Jacinta Bugalhão, Rodrigo Banha da Silva, Miguel Lago
- 369 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 371 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2018
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

ARQUEOLOGIA E A SOCIEDADE PORTUGUESA: DEFINIÇÕES, PAPÉIS E PERSPETIVAS DO PASSADO NO PRESENTE

Daniel Carvalho

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / danielcarvalho@campus.ul.pt

Resumo

A Arqueologia no mundo contemporâneo encontra a sua principal preocupação na capacidade de interagir com a sociedade. De facto, a importância desta relação torna-se premente, com a crescente adesão da disciplina aos mais variados debates – geopolíticos, económicos, éticos – com a premissa de que o conhecimento científico que produz lhe permite oferecer soluções e reflexões sobre as temáticas do Presente. Assim a produção do seu discurso científico adequa-se a esta dualidade.

Este trabalho procurou explorar esta temática, começando pelas relações entre a Arqueologia e a sociedade contemporânea, assim como a criação de uma metodologia de base para conhecer os novos públicos presentes na contemporaneidade.

Palavras-chave: Arqueologia Pública, Sociedade Portuguesa, Questionário, Século XXI.

Abstract

Archaeology in contemporaneity encounters its main focus on the capacity of interaction with modern society. The significance of this relation is paramount as the discipline addresses multiple questions in its debates – geopolitics, economy, ethics – with the will of providing reflections and solutions using the scientific knowledge produced.

This work sought to explore the thematic of the relations between archaeology and society, building a methodology in the process that could shed some light on the emergence of new publics and their views in the practice of the discipline.

Keywords: Public Archaeology, Portuguese Society, Questionnaire, 21th Century.

1. INTRODUÇÃO – AS RELAÇÕES ENTRE A SOCIEDADE E O PASSADO

O estudo do passado alicerça-se no presente. De um ponto de vista teórico, a certeza desta afirmação atravessou a própria escolástica arqueológica, adquirindo um estatuto consensual que se espelha no *modus operandi* da disciplina: os registos, os métodos, as questões formulam-se e adaptam-se à época vigente. Do mesmo modo, o arqueólogo insere-se num conjunto de realidades que não só analisa, mas a que impreterivelmente pertence: a Ciência, a Sociedade, a Humanidade. Na procura de respostas, a arqueologia tornou-se, com a emergência da pós-modernidade, cada vez mais ciente que a sua produção epistemológica e o seu discurso se teriam de adaptar às próprias necessidades do presente. A metamorfose da disciplina no novo milénio - não deixando de ser extremamente complexa nos seus moldes mais intrínsecos, o que origina um panorama de causas diversificado – encontra as suas raízes num conjunto de fenómenos: o modelo económico neoliberal, que viria a produzir massas de dados decorrentes da emergência da arqueologia preventiva (Demoule, 2010:17); o próprio financiamento de projetos científicos, de fundos públicos e a adequação dos objetivos temáticos e da conceção de cultura, da globalização e turismo que lhes é inerente, entre outros.

Deste modo, o passado relaciona-se intimamente com o presente, numa lógica que aparenta tender para a não-linearidade temporal: imiscuem-se, com fronteiras por vezes de difícil definição (Lucas, 2005:15). Essa *longue durée*, que originou drásticas consequências para a conceção temporal, não inviabiliza a perceção da existência de tendências e de narrativas dominantes na história do pensamento arqueológico (Trigger, 1989). Será precisamente a junção de ambas as perspetivas que possibilita um estudo de maior detalhe acerca destas realidades, enfatizando a complexidade, mas organizando-a, de modo a favorecer uma interpretação inteligível.

Existindo realmente esta fusão, poder-se-á questionar o seu significado para a sociedade contem-

porânea – quais os papéis, lugares e propósitos do passado no presente? Para a obtenção de uma resposta, distinguem-se duas vertentes principais: uma dimensão epistemológica e uma ideológica.

Da primeira, que trata da formulação do conhecimento gerado pela Arqueologia, encontra-se intimamente conectada com argumentos de justificação da pertinência da mesma. Deste modo, o passado é importante porque confere à sociedade compreender o que a precedeu; a dar significado ao presente e a oferecer uma componente preditiva, virada para o futuro. Novamente, o Tempo adquire contornos expressivos, independentemente da definição que se utilize para classificar o que é realmente a arqueologia. Ao conhecimento sobre o Tempo, junta-se o conhecimento sobre o Espaço: que civilizações prosperaram em que zonas geográficas; por onde a Humanidade deu os primeiros passos; como se relacionou o Homem com os mais variados ambientes. Um traço identitário e potencialmente mais expressivamente reconhecido pela sociedade, é a atenção que a arqueologia designa aos materialismos, sob a forma de artefactos. Esta tríade funciona como um conjunto de elementos que permite caracterizar a disciplina, desde que se torna científica em meados do século XIX, numa atividade intelectual que produz conhecimento. A sociedade tendeu a reconhecê-la dentro desses moldes, embora estes possam possuir – e possuem efetivamente, com o tempo – mudanças expressivas.

Contudo, não se reconhece apenas a arqueologia pela sua vertente epistemológica: em termos sociais distingue-se, porventura com superior ênfase, a ideia da disciplina. Não apenas do que produz, ou de como o faz, mas do que intrinsecamente é. A cultura popular, com o seu apogeu na segunda metade do século XX, especialmente no que toca a produções cinéfilas, veio a consolidar uma marca indelével já com raízes no século XVIII: a arqueologia como descoberta romântica de vestígios distantes, resgatados ao esquecimento. Com narrativas de grandes civilizações ou relíquias detentoras de poderes normalmente associados a uma aura sobrenatural, o imaginário popular contemporâneo veio

a incorporar permanentemente a arqueologia deste modo, consistindo em temas dentro de literatura, videojogos e turismo. Deste modo, a ideia de arqueologia é profundamente reconhecida pela sociedade, associada casualmente a alguns dos fenómenos anteriores, com as vantagens e desvantagens inerentes, como se comentará posteriormente.

Assim, a disciplina parece consolidar-se no seio da sociedade: contudo, na contemporaneidade, os problemas inerentes à difusão da atividade são uma realidade, o que leva a questionar o porquê de tais dificuldades. A necessidade crescente, de aproximação e retorno social, veio a reforçar um movimento e a criação de uma subárea, especializada nestas temáticas. O primeiro caracteriza-se, embora não manifestamente cunhado, como uma *Big Archaeology*, ou seja, um intenso envolvimento da Arqueologia em temas de interesse global e de debates contemporâneos. Tal como a *Big History*, pretende inserir questões de grande envergadura, a uma escala considerável, procurando assim respostas com o recurso aos mais variados métodos, numa lógica multidisciplinar (Christian, 1991:227). A Arqueologia caminhou igualmente neste sentido, com o boom resultante da Pós-Modernidade e do conjunto de subáreas que lhe seguiram, dentro da disciplina. A *flat ontology* que recentemente se advogou como sendo um ponto de partida para um novo paradigma teórico, é um exemplo expressivo da abrangência que a Arqueologia pretende ter: toda a cultura material, todo o ser humano, todos os Passados são do seu interesse (Yamilakis, 2009:13). Qual a principal razão para este movimento, quase que invisível, mas presente, não se assumir intelectualmente como uma direção epistemológica? Na nossa opinião, esta reside no facto da teoria arqueológica se encontrar numa profunda fase de fragmentação. Esta fase – ao que corresponderia de “mudança de paradigma”, segundo Kuhn – criou um vácuo onde as várias novas perspetivas apresentadas não possuem o peso suficiente para se tornarem correntes. Esta situação dificulta a relação da Arqueologia com a sociedade, dado que se fecha sobre si mesma, sem um rumo preciso, com uma súmula de

objetivos que não se deixa cumprir dada a enorme cisão que atravessa. Porque precisamente pensar a arqueologia é a base da sua teoria, não a pensando de forma coerente, ou recusando uma reflexão mais aprofundada, conduzirá a uma estagnação crescente e a um atraso – face a outros que o façam – metodológico e interpretativo. Não obstante, a aproximação a grandes temas mundiais veio a “humanizar” o arqueólogo, sem este estar ainda alicerçado a uma postura científica hermética, demonstrando o seu conhecimento para o cidadão comum.

Paralelamente a esta questão, surge no seio da disciplina uma subárea extremamente relevante: a arqueologia pública. Esta última, relativamente recente na sua formulação, explora o contacto entre a arqueologia e o público, sendo este o mais diversificado e multifacetado possível, numa aproximação à realidade contemporânea (Moshenska, 2017:3). Economia, educação, comunidade ou cultura popular são alguns dos temas trabalhados por esta subárea, cientes de que a Arqueologia é impactante em todas elas de alguma forma. A supressão de barreiras entre a ciência e a sociedade é, portanto, o principal objetivo da arqueologia pública, cuja eficiência se demonstra principalmente na sua aplicação a sítios arqueológicos.

Constata-se que a arqueologia se modificou de modo a aproximar-se cada vez mais da sociedade. Embora estas relações se pautem desde os primórdios da disciplina, a atenção a esta necessidade é indubitavelmente nova, relegando os seus avanços para as duas últimas décadas. Se o âmbito deste trabalho é compreender precisamente como interage o passado com o presente, não deixa de o ser no caso português, razão pela qual se tenciona ensaiar uma breve história social da arqueologia portuguesa.

2. ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL: UMA BREVE HISTORIOGRAFIA DE INTERAÇÕES

A história da arqueologia tem-se realizado, na sua grande maioria, em análises intelectuais: a descoberta de um determinado sítio; de um percurso de um arqueólogo; sínteses de “fases”, entre outras.

De facto, não existe uma preocupação generalizada em estabelecer uma história social da arqueologia, embora esta já tenha sido identificada noutros trabalhos (Fabião, 1999:106). Dada esta tradição, existe uma dificuldade inerente na posse de dados que permitam demonstrar as vicissitudes e mutabilidade das relações entre a arqueologia e a sociedade. Não obstante, é passível analisar um conjunto de realidades e dar-lhes uma sequência narrativa.

Como ponto inicial, como determinar as primeiras aproximações expressivas na história da arqueologia? O pensamento arqueológico, muitíssimo mais longo e vasto para além da sua instauração científica, proporciona um recuo no tempo, algo que para o caso português, embora não seja possível de realizar para épocas mais recuadas, se possa fazer para o século XVIII, onde se argumenta que se possa fixar um primeiro momento de contacto conhecido com a sociedade. Tal se deve à abertura pública de espaços museológicos e dos denominados gabinetes de curiosidades, com a mostra de coleções variadas, onde figuravam também artefactos da mais diferente índole. Paralelamente, as ações de Frei Manoel do Cenáculo, com a inauguração da primeira biblioteca pública e do seu museu e com o esforço pela educação do povo de assuntos relacionados com o Passado, viriam a reforçar a ideia de que era importante considerar uma nova abertura social. Claro que, aos olhos de hoje, tal não significava uma inclusão de todas as classes sociais, mas antes aos eruditos, aos profissionais e amadores e aos alfabetizados – em suma, àqueles que pudessem compreender o significado do passado que lhes era apresentado.

Com a elevação da arqueologia a ciência, no século XIX, um novo contacto multiplica-se em vários fenómenos. Sublinhem-se dois: IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas de 1880 e as redes de conhecimento entre amadores e colecionadores. Da primeira, fomentada pelo governo fontista, de modo a demonstrar os avanços de Portugal no que toca às ciências do Passado, onde os investigadores portugueses, e a comunidade arqueológica de então, apresenta-

vam os resultados das suas pesquisas. A caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro, cobrindo o evento com uma representação satírica, não deixa de oferecer um interessante quadro de contraposição de figuras (Gonçalves, 1980). Tome-se como exemplo Carlos Ribeiro face a Possidónio da Silva, onde se constata que o primeiro é muito mais tido em conta pelo povo português que o segundo. Esta situação, à partida estranha, dado que ambos contribuem, ainda de que maneiras diferentes – Carlos Ribeiro focado na investigação, Possidónio da Silva no associativismo e pedagogia – para o mesmo objetivo. No entanto, a opinião popular terá considerado que as temáticas que Carlos Ribeiro trabalhava – as origens do Homem português – assim como a sua patente militar e prestígio abonavam a seu favor. Deste modo, este arqueólogo era representativo de uma população intelectual e com destaque na sociedade onde se inseria, um facto a sublinhar, dado o peso inequívoco que demonstrou na sua época. Por outro lado, e de âmbito mais local, as relações entre os investigadores e as populações, aquando das viagens dos primeiros pelo país, num esforço de recolha e de formulação de sínteses tão caras ao espírito positivista, evidenciam interações, normalmente invisíveis em termos historiográficos (Pereira, 2017:27). A marca deixada quer nos seus conterrâneos quer nas mais diversas regiões do país, aumentando o gosto pelas antiguidades e a sua proteção e valorização, originou uma verdadeira cooperação entre os arqueólogos e a sociedade da época.

Já na primeira metade do século XX, um período na história da Arqueologia manifestamente paradoxal (Fabião, 1999:118-119), a acesa polémica entre Manuel Heleno e Mendes Corrêa contribuirá para uma desvalorização pela parte do público da atividade arqueológica em geral. No entanto, destaca-se o caso de Vila Nova de São Pedro, povoado calcolítico escavado por Afonso do Paço e Eugénio Jalhay que independentemente da sua condução científica, criou e consolidou uma relação com a população local que perdura até aos dias de hoje. Um exemplo de arqueologia comunitária, com pertinência em temas que ultrapassam a disciplina,

como a desertificação do interior do país e da coesão social, assuntos de intemporal importância.

Finalmente, há que enfatizar os papéis dos campos arqueológicos, em particular o trabalho desenvolvido pela equipa sediada em Mértola, cujos esforços viriam a desvendar importantes vestígios de ocupação romana e islâmica nessa região, assim como a promoção da própria população e investimentos locais, com a movimentação económica a obter igualmente ênfase.

De facto, estes exemplos, revelam a existência de contactos entre a arqueologia e a sociedade. A estes, juntar-se-ão certamente no futuro outros contributos que permitam traçar uma narrativa mais rica, uma história social da arqueologia: o intuito desta breve análise era o de demonstrar que, embora a construção intelectual seja indubitavelmente mais valorizada, mais ou menos de modo descritivo, a componente social persiste e deve ser igualmente tida em conta.

Apresentadas estas considerações, uma questão persiste: quais os principais problemas nestas relações? Porque é que, aparentemente, a arqueologia possui dificuldade em atingir os variados públicos? E essa dificuldade existe efetivamente? Tencionam-se explorar estas questões e oferecer algumas potenciais soluções, no ponto seguinte.

3. ARQUEOLOGIA, COMUNICAÇÃO E AS NOVAS TECNOLOGIAS

Um dos entre muitos desafios que a arqueologia contemporânea atravessa reside na sua capacidade de comunicar eficientemente uma mensagem científica inteligível – esta é uma preocupação crescente que se infere igualmente pelo número de publicações dedicadas ao tema (Holtorf, 2007a:150). Em Portugal, este tema já mereceu um comentário alargado (Valera, 2008), reconhecendo a premência de estabelecer um debate em torno da comunicação.

Para analisar esta questão, identificam-se três níveis: o comunicante, os meios e a mensagem. A todos eles se apresentam desafios, sendo que as dificuldades residem principalmente numa articu-

lação eficaz. No comunicante, neste caso, a figura do arqueólogo, recai a responsabilidade do contacto direto com o público. Embora seja de todo o interesse do mesmo difundir o trabalho que pratica, valorizando a componente social da sua profissão, o arqueólogo em geral tende a apresentar um défice de interesse nessas matérias (Valera, 2008:15). Tal se poderá dever a um conjunto de razões, assim como dentro das próprias camadas que constituem a profissão em Portugal, estas diferiram de maneira substancial. Contemplada por lei a divulgação científica, na arqueologia empresarial o orçamento para tal não é coberto pelo mecanismo legal. Do mesmo modo, o cumprimento de horários, muitas vezes já de si insustentável para a realização de um trabalho, inviabiliza muitas vezes a criação de um discurso coerente e estruturado. Já no seio da comunidade académica, problemas como o elitismo, ou a construção de um discurso científico extremamente complexo, não comunicável (Holtorf, 2007a:151) e de desconexão da realidade. Esta última questão origina um desconhecimento dos meios passíveis de se utilizarem para o efeito. A coloquial conferência e a visita ao sítio arqueológico parecem sofrer com a aceleração da sociedade em rede que, pela sua constante corrida contra o tempo, não faz tenções de abrandar. Esta realidade afeta, de igual modo, a mensagem. Em particular, pelo não-reconhecimento de que a sociedade é composta por públicos heterogéneos, o que implica que a mensagem seja profundamente flexível e adaptada (Varghese, 2017:59). Por outro lado, em termos de conteúdo, tende a cair no erro de ser sintética em excesso, contribuindo para o ciclo do consumo voraz de informação que não atravessa processos de reflexão (Valera, 2008:16).

Toda esta temática, ainda que envolta em complexidade, pode conhecer soluções que se apliquem diretamente na face dos problemas. Quanto ao arqueólogo, este deve despoletar o seu interesse em conhecer os diversos públicos com que trabalha. Uma via extremamente relevante encontra-se na construção de questionários, numa lógica de que é necessário primeiro conhecer para se adap-

tar o discurso. Do mesmo modo, o arqueólogo não necessita de pensar a divulgação apenas no pós-escavação, deve fazê-lo enquanto os trabalhos decorrem, com a receção de visitantes ou o facultar de informações sobre a natureza do sítio arqueológico que se encontra a intervir. Este contacto direto é particularmente importante, podendo aumentar significativamente a perceção do público para com a arqueologia. Afetaria igualmente a mensagem, mais próxima do cidadão e com menos “jargão científico” que muitas vezes pauta as publicações desse cariz. Finalmente, os meios. Estes cada vez mais se tornam digitais e, embora se possa estabelecer críticas legítimas, principalmente em termos de conteúdo, não são intrinsecamente maus. Não se trata de substituir os meios “tradicionais” – a visita, a conferência, a palestra – mas de incorporar outros – a rede social, o *website*, a *newsletter* – de modo a incorporar o maior número de pessoas na arqueologia. Trata-se de um exercício de atualização e de democratização que a disciplina necessita cada vez mais, sob pena do seu retorno social entrar em défice. Assim, neste trabalho procurou-se promover o contacto entre a arqueologia e o público, começando pela etapa inicial: conhecê-lo, perguntando.

4. METODOLOGIA: A FORMULAÇÃO DE UM QUESTIONÁRIO

O método empregue nesta análise passaria pela realização de um questionário que permitisse uma massa de dados considerável, postumamente passível de ser interpretada. A criação do mesmo encontrou inspiração em dois projectos – *DISCO* e *Exploring Public Perceptions and Attitudes about Archaeology* – aos quais se procurou reproduzir alguns elementos estruturais, dada a raridade da utilização de questionários no âmbito da Arqueologia. Criou-se, para o efeito, um documento no *Google Docs*, *open software* e *open access*, ou seja, gratuito e de acesso livre, em armazenamento em nuvem. A sua difusão foi realizada através de redes sociais (Facebook, Twitter), via e-mail institucional e informal e por via oral, para atingir o máximo de públicos possíveis.

À construção de questões que permitissem um conjunto de dados passíveis de serem trabalhados juntou-se a necessidade da formulação de um inquérito inteligível, simples e de curta duração. Deste modo, o questionário é constituído por 25 perguntas, divididas de modo temático em 4 grupos, com a seguinte tipologia:

- Resposta aberta – comentário livre, curto ou longo, onde o inquirido pode livremente dar uma resposta.
- Escolha múltipla – de um conjunto de opções pré-existentes, o inquirido escolhe apenas uma.
- Escala de Likert – onde o inquirido caracteriza uma determinada resposta optando por um número entre 1 a 5.
- Caixas de verificação – onde o inquirido escolhe, de um conjunto de opções pré-existentes, todas as respostas que considerar pertinentes.

Procurou-se atingir todos os públicos, independentemente das suas vicissitudes pessoais, com a ideia de que a arqueologia representa e toca a todo e qualquer cidadão português.

Os resultados apresentam-se sob a forma de gráficos (Figura 1 a Figura 13) e tabelas (Tabela 1 e Tabela 2), estando organizados de acordo com a entrada de respostas.

5. A ANÁLISE DOS RESULTADOS E SUA INTERPRETAÇÃO

Apresentam-se os resultados do questionário, não deixando de oferecer uma interpretação aos dados recolhidos e na articulação dos mesmos. A população total consiste em 846 indivíduos, com 498 indivíduos do sexo feminino e 348 do sexo masculino. À primazia do sexo feminino não deixa de ser coerente face à paridade que a arqueologia portuguesa atravessa, com um aumento exponencial de mulheres a praticar a atividade, razão pela qual se poderia justificar um maior interesse pelas mesmas neste estudo (Bugalhão, 2017:124).

O intervalo etário exposto permite uma visualização bastante completa das opiniões que diversas faixas possuem, podendo igualmente verificar

alguma tendência geracional, se assim existir. As idades compreendem-se entre 15 e 88 anos, sendo as mais comuns 21 e 22 anos, correspondendo a 92 indivíduos. Tal se deverá não apenas à idade do autor no momento da difusão do questionário e da própria população estudantil que se encontra no ensino superior, maioritariamente licenciados, ser o principal segmento representado em termos de resposta (Figura1).

De facto, em termos de escolaridade, os graus de ensino superior são altamente representativos neste estudo, ao passo que existe igualmente uma percentagem expressiva no que toca a indivíduos que possuem o atual ensino secundário (Figura1). Novamente, estas percentagens ligam-se com os meios de difusão utilizados, todavia todos os graus de ensino encontram-se aqui representados.

A grande maioria dos inquiridos conhece um arqueólogo ou estudante de Arqueologia Sim (690) & Não (156), o que poderá abonar nas suas próprias considerações assim como na estima pela disciplina. Encontra-se aqui exposto um potencial problema interpretativo pois o conhecimento pode ligar-se não apenas a uma interação pessoal, mas à própria figura da cultura popular que permeia o imaginário social (Holtorf, 2007b:51), o que pode originar ambiguidade.

No que toca ao interesse pela Arqueologia, uma esmagadora maioria considera que é uma disciplina interessante ou até muito interessante (Figura 2). Das que ofereceram a maior pontuação (n= 296), 156 são do sexo feminino, enquanto que 140 são do sexo oposto, o que demonstra alguma igualdade de género no que toca às respostas. Os indivíduos com uma licenciatura são os que oferecem a pontuação máxima (n=127) e o intervalo de idades mais expressivo é o de 20 a 30 anos, correspondendo a cerca de 33% da amostra total. Deste modo, e de um ponto de vista probabilístico, uma mulher licenciada com uma idade compreendida entre os 20 e os 30 anos é a população ótima quando se considera o máximo interesse como variável.

No reconhecimento das várias atividades a que a Arqueologia, a multiplicidade de respostas

é análoga à complexidade inerente às mesmas. A Ciência (Figura3) reconhece-se como obtendo uma enorme valorização pela parte da disciplina, com 50% da população total (n=423) a escolher a pontuação máxima.

Contudo, a Cultura (Figura4) é claramente dominante nas preferências de resposta, com a esmagadora maioria, 75,5% (n=639), a escolher a pontuação máxima. Deste modo, poder-se-á estabelecer uma relação de sinonímia, em que a disciplina é reconhecida como actividade intrinsecamente cultural.

No que toca à Economia (Figura5), a concordância é menos notória, embora genericamente positiva, com o turismo a abonar certamente a esta tendência.

O Ambiente (Figura6) é em tudo semelhante à Economia, com opiniões diversas, mas com uma pontuação positiva em todo o caso.

Já o Ensino (Figura 7) retoma as percentagens mais consensuais, com 51,2% (n=433) a optar pela pontuação máxima. Tal se deve relacionar com a recente proposta de lecionar matérias relacionadas com o património português no ensino secundário, cuja adesão aparenta ser generalizada.

O Lazer (Figura 8) atinge igualmente uma pontuação positiva, ao passo que se possa questionar no que em que se traduz realmente, se numa visita a um sítio arqueológico, se na leitura de um livro, se de uma pesquisa livre na Internet ou do próprio contacto com a cultura popular que a rodeia.

Finalmente, a própria sociedade (Figura 9) pensa que a arqueologia é de algum modo enriquecedora para si mesma. Dado as percentagens dos dois primeiros itens, a sua contribuição científica, na produção de conhecimento, mas ainda mais vincadamente a sua contribuição cultural, estarão no cerne desta opção.

No que toca aos meios pelos quais o público toma contacto com a arqueologia (Figura 10), os resultados demonstram algo que, a priori, poderia não ser intuitivo. Se por um lado a visita aos sítios arqueológicos é claramente dominante (86,8%; n=743), com a experiência fenomenológica do “sentir” o local ou de “ver” o Passado de frente, a opção Jornais/Revistas fica em segundo classifica-

do, ultrapassando em larga medida a opção Redes Sociais. Claro está que pode existir igualmente aqui uma questão interpretativa: ao comparar meios digitais com analógicos, a Internet com o suporte físico, a fronteira não se encontra hermeticamente definida, dado que estes Jornais/Revistas podem corresponder a e-publicações. Em todo o caso, Jornais/Revistas e Livros, atingem percentagens superiores a plataformas onde se espera que o conteúdo seja de mais rápida difusão ou de breve explicação. Já a Televisão supera igualmente, ainda que por pouco, as Redes Sociais. Do mesmo modo, estas últimas encontram-se praticamente equiparadas às Publicações Científicas. Este facto é particularmente interessante se atendermos no esforço pela parte da comunidade arqueológica em criar este tipo de publicações, cujo efeito, em paralelo com a entrada das redes sociais, parece ainda não estar enraizado na opinião do público. Já a Rádio e os Videojogos atingem as percentagens mais baixas, não deixando, porém, de figurar como opções escolhidas.

Na pergunta “Considera a Arqueologia uma actividade que procura o contacto com o Público?” encontramos um público que está plenamente dividido: uma magra vantagem do Sim (54,8%; n=464) face ao Não (45,2%; n=382). Esta cisão acaba por reforçar a pertinência de estabelecer o contacto com o público, mas em refletir nos moldes em que este se verifica (Valera,2008:16) e quais são os agentes responsáveis por tal. Esta necessidade, conectada com questões de legitimação científica, acompanha cada vez mais a prática arqueológica, sendo premente que se considere a (in)existência de uma arqueologia pública verdadeiramente operativa. Novamente, encontra-se aqui um problema de comunicação, que face aos dados do gráfico anterior parece ser paradoxal: se realmente o público visita sítios arqueológicos e que terá, em princípio, um contacto direto com o arqueólogo, porquê esta fragmentação? Dois aspetos podem lançar alguma questão sobre esta discordância. Em primeiro lugar, o público parece ser quem procura estes sítios arqueológicos, não sendo levado a visitá-los por via de um profissional de Arqueologia. Tal se pode ar-

gumentar com os dados da questão “Como teve conhecimento dos sítios arqueológicos?” (Tabela 1) onde a vontade pessoal e a curiosidade imperam face a acompanhamento especializado. Por outro lado, constatar-se-á que a visita a sítios arqueológicos não ocorre num elevado número de vezes por ano (Figura 13). A complexidade inerente a esta problemática origina a que seja necessário ter em conta um conjunto de realidades que não se encontram aqui expressas. No entanto, a quase perfeita divisão de opiniões permite reforçar a ideia de que a Arqueologia tem de analisar a fundo as suas capacidades de comunicação.

A questão “Considera a Arqueologia uma atividade que utilize as novas tecnologias?” obteve um largo consenso com 80,3% (n=679) a afirmar positivamente, dado que pode ser influenciado pelo próprio questionário se alicerçar numa plataforma digital. Seria interessante compreender se esta utilização de tecnologias se traduz numa aplicação metodológica, pela parte dos próprios arqueólogos, e dos meios empregues nas suas atividades de campo.

A Arqueologia é uma atividade com futuro para 70,9% dos inquiridos (n=600). Embora exista um valor afetivo inerente a esta resposta, dos 87 indivíduos que responderam ser estudantes ou trabalhadores em Arqueologia, apenas 17 consideram que esta não é uma atividade de futuro, pelo que o pessimismo que é muitas vezes avançado na questão da empregabilidade na disciplina parece não ser aqui tão marcada.

Sobre os locais de trabalho dos arqueólogos (Figura 11), os dados são particularmente elucidativos de uma falha de comunicação que permite ao público atualizar-se face à mutabilidade da profissão. Enquanto que o Museu vence com esmagadora maioria de respostas (85,1%; n=720), as Empresas Privadas relegam-se para o antepenúltimo lugar com uma votação muito menos expressiva (53,2%; n=450). Dado que as empresas privadas assumem o lugar de primazia por uma grande margem na empregabilidade arqueológica em Portugal (Bugalhão,2014), a deslocação face à realidade atual pela parte do público pode dever-se à própria incom-

preensão interna do que significa ser-se arqueólogo, quer a nível legislativo quer identitário.

A incompreensão pela parte do público prende-se igualmente com a vincada resposta negativa face à pergunta “Quão conhecida considera a profissão de arqueólogo pela parte do público em geral?” (Figura 12). Enquanto que 38,8% (n=328) das respostas caracterizam a profissão conhecida a um nível médio, outros 38,8% consideram-na mal conhecida. Este nível de resposta é um importante aviso para a comunidade arqueológica, que se liga com a questão do contacto com o público, cuja complementaridade permite compreender ambas as percentagens.

No que toca a visitas a sítios arqueológicos, 76,6% (n=648) dos inquiridos responde afirmativamente que efetua as mesmas. No entanto, face ao gráfico seguinte (Figura 13) constata-se que esse número se traduz numa fraca adesão em termos de visitas anuais, com 54,5% (n=461) dos inquiridos a frequentar 1 a 5 sítios arqueológicos por ano. Deste modo, compreende-se com maior clareza não apenas o desconhecimento da profissão, mas da própria falta de contacto em si, com o sítio arqueológico, aqui tido como o polo difusor de conhecimento sobre o passado de excelência, a ser muito pouco visitado, embora o papel da memória, com a enumeração de vários destes locais (Tabela 1) pareça ditar que, não obstante não se visitar muito, a recordação permanece.

No campo das respostas abertas, o comentário afigura-se muito mais difícil de estabelecer, dada a complexidade de análise de todas as respostas. Deste modo, para essa tipologia obtiveram-se amostras aleatórias do conjunto total, interpretando-as enquanto conjunto e organizando-as de acordo com categorias estabelecidas.

Na questão de “Como teve conhecimento dos sítios arqueológicos?” (Tabela 1) é nítida uma componente pessoal que supera a via profissional, com o ensino, as redes sociais e a curiosidade a obterem um papel fundamental.

“Ao falar sobre Arqueologia, qual a primeira palavra que lhe ocorre?” (Tabela 1) representa uma

das questões que simboliza a ideia de Arqueologia intrínseca ao Público. Se de facto “Passado” é a resposta mais frequente, seguida de “Cultura” e “Escavações”, “Indiana Jones”, “Tesouros” e “Precioso” figuram igualmente, numa contraposição entre ciência e cultura popular que deve ser tida em conta. Por outro lado, as opiniões são altamente diversas: para uns a Arqueologia tem um carácter quase romântico, de descoberta, além de um valor afetivo; para outros, é a sua dimensão material e temporal que a caracteriza de verdade e finalmente existe alguma componente ligada à profissão em si e à natureza do trabalho arqueológico.

“Numa pequena frase, como definiria Arqueologia?” (Tabela 2) é a última questão presente no questionário e assaz a mais complexa de todas, dada a própria dificuldade dos arqueólogos em avançarem com uma definição universal para a sua disciplina. Deste modo classificam-se as respostas a pertencer em 6 campos distintos: arqueologia como Ciência; como Arte; como Memória; como Desilusão e como Esperança. Não sendo totalmente herméticas entre si, estes campos permitem analisar que a arqueologia vai mais além do que o seu significado científico, adquirindo contornos identitários, sociais e emocionais constituindo assim a *eidós* da disciplina. Pois esta recupera o passado, mas descobre a memória, passa por dificuldades profissionais, ambiciona ser algo mais, representa a Humanidade: a arqueologia acaba por ser também todas estas 846 definições e de partilhar elementos de cada uma delas. Compreendê-la como um todo implica tomar como relevantes todas estas opiniões, aproximar o público de uma atividade que lhe interessa e de um passado que não pode ser, idealmente, pertença de ninguém, mas de todos.

6. CONCLUSÃO: ARQUEOLOGIA/SOCIEDADE, UM BINÓMIO POR EXPLORAR?

Com este trabalho, pretendeu-se demonstrar que a arqueologia e a sociedade contemporânea não se encontram em polos opostos deste novo mundo,

mas que, pelo contrário, necessitam cada vez mais uma da outra. A primeira pela sua necessidade de legitimação, a segunda pelo direito à fruição cultural: ambas por um Passado holístico e pela compreensão detalhada do percurso da Humanidade. A emergência de uma nova atitude na disciplina pode provocar o erguer de pontes, identificando tendências sociais no que toca à ideia de arqueologia e absorvendo e tomando em conta as críticas pela parte do Público, para melhorar consideravelmente a sua metodologia e capacidade de ação. Uma Arqueologia verdadeiramente pública, que produza discursos científicos para todos os públicos que coexistam na sociedade contemporânea, utilizará novos métodos, sendo o questionário por via digital – como argumentado neste ensaio – uma via eficaz e operativa para auscultar e estabelecer predições. E se, dentro da História da Arqueologia, sempre se olhou para o futuro, como na *Conference of the Future of Archaeology*, em 1943, já se lançavam as bases para esta realidade:

“The dominant theme was that archaeology, as Mr. W. J. Varley expressed it, was no longer the pursuit of a very recondite erudition by a select few in a quiet temple dedicated to no other purpose. It was a study which could clothe the past with reality, through which man can achieve what is essential if he is to survive, a sense of community with all other men in the world of space” (Kenyon, 1943:320)

Este futuro é o nosso presente, dependendo da comunidade arqueológica de estabelecer o contacto necessário com a sociedade. Com este trabalho, espera-se ter contribuído nesse sentido, de fomentar o debate e de lançar uma base de estudo para este futuro que é o agora.

AGRADECIMENTOS

Este ensaio teria sido impossível sem as 846 pessoas que participaram e que disponibilizaram o seu tempo a responder ao questionário.

Aos divulgadores: Ana Estácio, Andrea Martins, Catarina Gomes, Frederico Agosto, Hugo Assis, João Melo, Joana Ferreira, Laura Rosado, Marta Alves,

Martim Ramos, Pedro Simões, Ricardo Arrimar, Salomé Ribeiro, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e a todos os outros que tenham contribuído para o efeito e que, por esquecimento, não aqui figurem, o mais sentido agradecimento.

PROJECTOS CITADOS

DISCO – Discovering the Archaeologists of Europe 2012-14: Transnational Report

Exploring Public Perceptions and Attitudes about Archaeology, Society of American Archaeology 2000.

BIBLIOGRAFIA

BUGALHÃO, Jacinta (2014) – *Arqueologia de Lisboa: balanço e perspectivas*. Conferência apresentada no Seminário “Lisboa Subterrânea – Trajectos na Arqueologia Lisboaeta Contemporânea”. Lisboa, Sociedade Portuguesa de Geografia, Lisboa, em 21 de Maio de 2014.

BUGALHÃO, Jacinta (2017) – O papel da Mulher na Arqueologia Portuguesa. *Ophiussa*, 1: 123-130.

CHRISTIAN, David (1991) – The Case for “Big History”. *Journal of World History*, vol.2, 2: 223-238.

DEMOULE, J. (2010) – The crisis – economic, ideological, and archaeological. In Schlanger, N. & Aitchison, K, (eds) – *Archaeology and the Global economic crisis: multiple impacts, possible solutions*. Belgium, Culture Lab Éditions, 2010: 13-18.

FABIÃO, Carlos (1999) – Um século de Arqueologia em Portugal I. *Al-madan*. Série II, vol.8: 104-127.

GONÇALVES, Victor (1980) – *O IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas (Lisboa, 1880): uma leitura, seguida da “crónica” de Bordalo Pinheiro*. Lisboa. Centro de História da Universidade de Lisboa.

HOLTORF, Cornelius (2007a) – Can you hear me at the back? Archaeology, Communication and Society. *European Journal of Archaeology*, vol.10 (2-3): 149-165.

HOLTORF, Cornelius (2007b) – *Archaeology is a Brand! The Meaning of Archaeology in Contemporary Popular Culture*. New York, Routledge.

KENYON, Kathleen (1943) – Conference on the Future of Archaeology. *Nature*, vol.152, 1943: 320-321.

LUCAS, Gavin (2005) – *The Archaeology of Time*. New York, Routledge.

MOSHENKA, Gabriel (2017) – Introduction: public archaeology as practice and scholarship where archaeology meets the world.

In MOSHENKA, G. (eds) (2017) – *Key Concepts in Public Archaeology*. UCL Press, London, 2017: 1-13.

TRIGGER, Bruce (1989) – *A History of Archaeological Thought*. Cambridge. Cambridge University Press.

VALERA, António (2008) – A divulgação do conhecimento em Arqueologia: Reflexões em torno de fundamentos e experiências. *Praxis Archaeologica*, 3: 9-23.

VARGHESE, Rachel (2017) – Archaeology and its Public(s): Thinking Through the Archaeology – Public Relationship. *Heritage: Journal of Multidisciplinary Studies in Archaeology*, 5: 56-68.

YAMILAKIS, H. (2009) – The “War on Terror” and the Military – Archaeology Complex: Iraq, Ethics, and Neo-Colonialism. *Archaeologies: Journal of the World Archaeological Congress*, 2009.

ANEXOS

Escolaridade

846 respostas

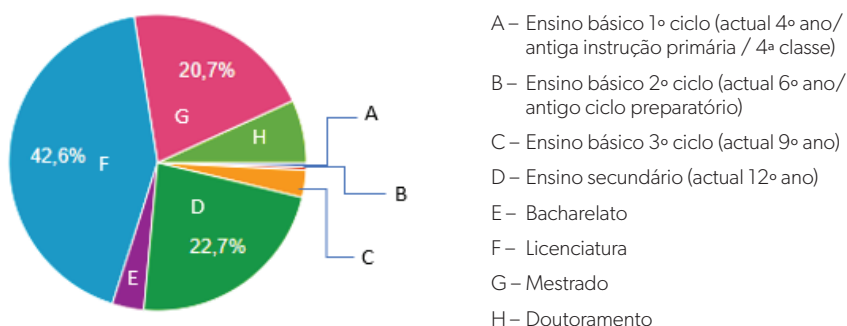


Figura (Gráfico) 1 – Sexo – Feminino (498) / Masculino (348).

2.1. Qual o seu interesse pela Arqueologia?

846 respostas

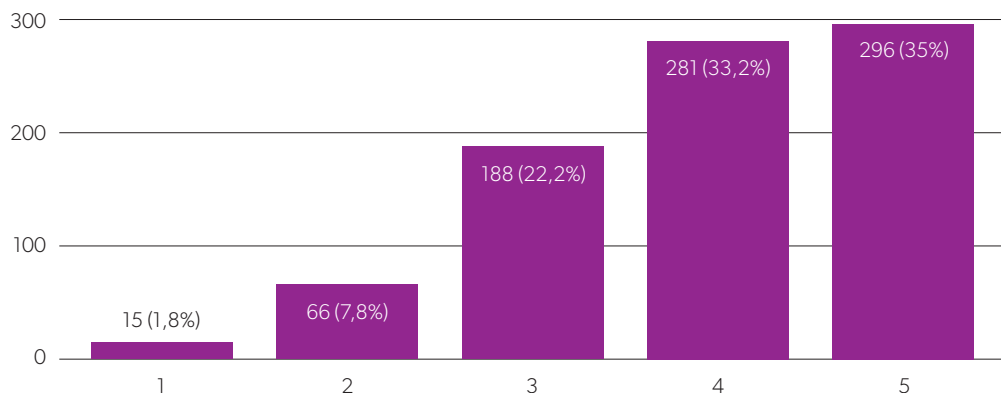


Figura 2 – Percentagem referente à resposta sobre o interesse pessoal pela Arqueologia.

2.2.1. Ciência

846 respostas

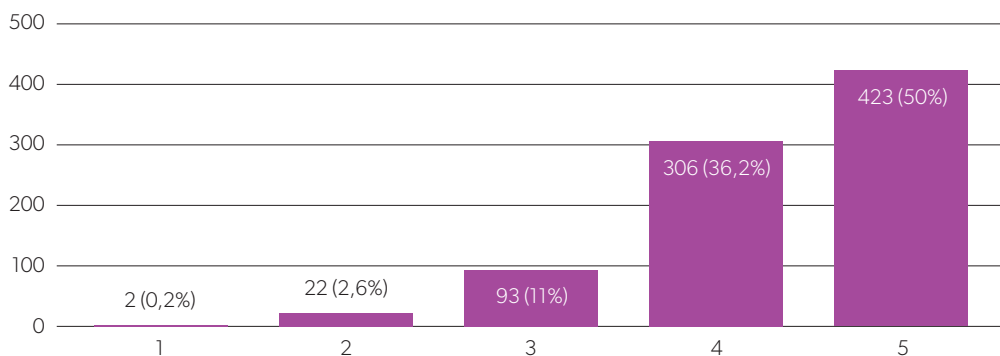


Figura 3 – Percentagem referente à resposta sobre a importância da Arqueologia para a Ciência.

2.2.2. Cultura

846 respostas

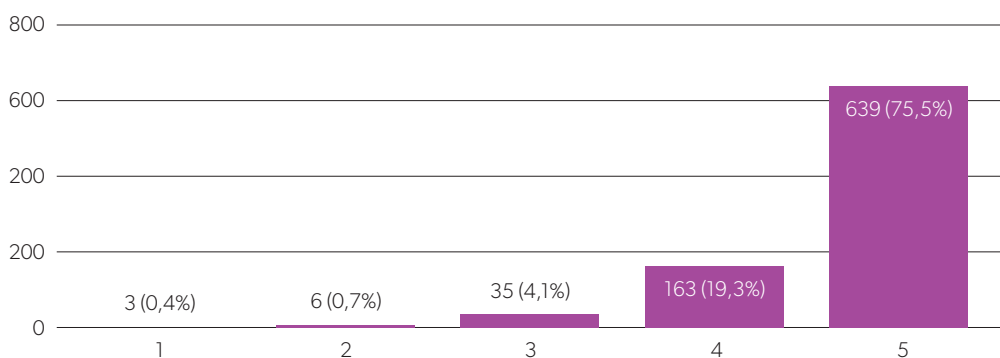


Figura 4 – Percentagem referente à resposta sobre a importância da Arqueologia para a Cultura.

2.2.3. Economia

846 respostas

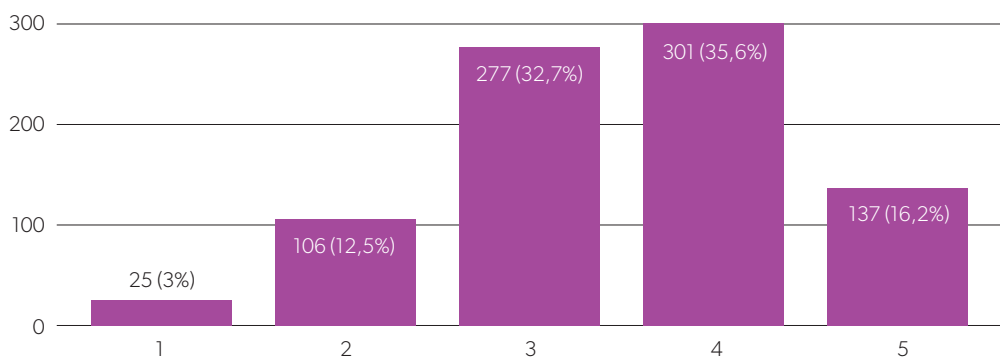


Figura 5 – Percentagem referente à resposta sobre a importância da Arqueologia para a Economia.

2.2.4. Ambiente

846 respostas

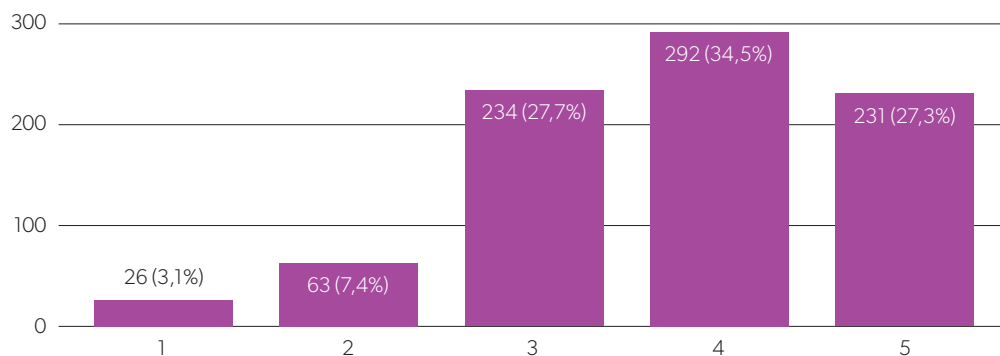


Figura 6 – Percentagem referente à resposta sobre a importância da Arqueologia para o Ambiente.

2.2.5. Ensino

846 respostas

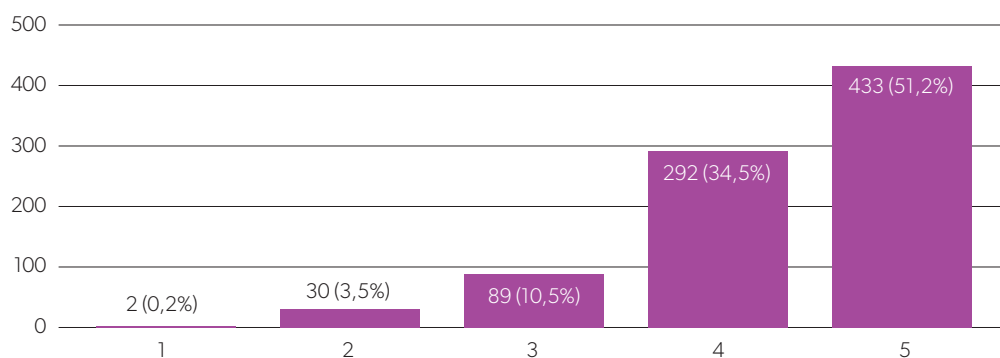


Figura 7 – Percentagem referente à resposta sobre a importância da Arqueologia para o Ensino.

2.2.6. Lazer

846 respostas

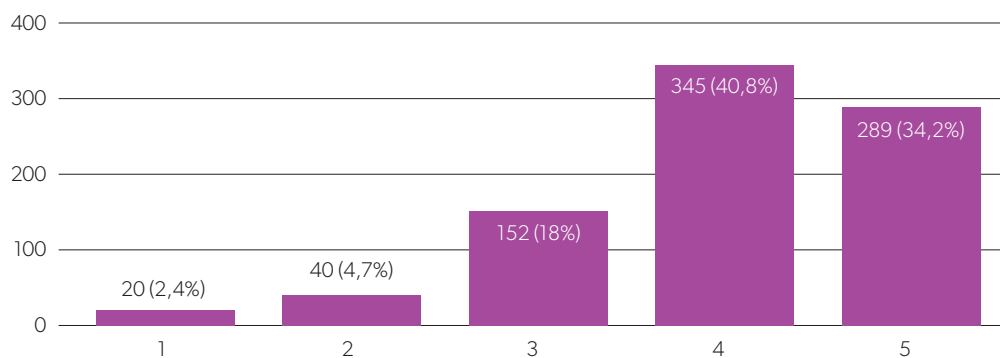


Figura 8 – Percentagem referente à resposta sobre a importância da Arqueologia para o Lazer.

2.2.7. Sociedade

846 respostas

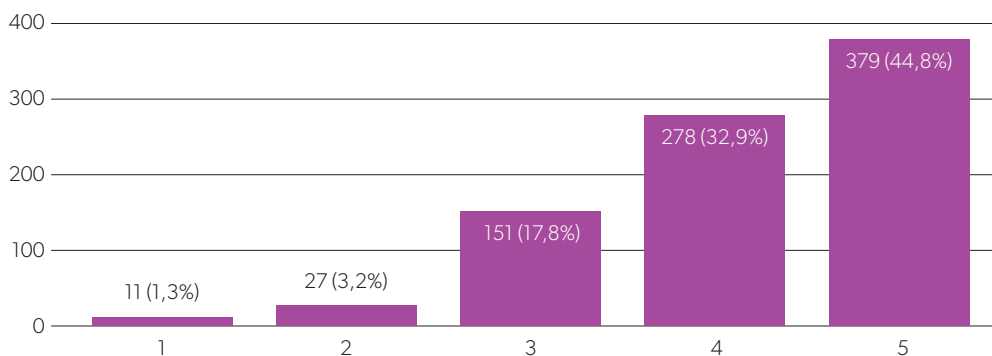


Figura 9 – Percentagem referente à resposta sobre a importância da Arqueologia para a Sociedade.

2.3. Assinale os primeiros meios pelos quais tomou/toma conhecimento de actividades relacionadas com a Arqueologia.

846 respostas

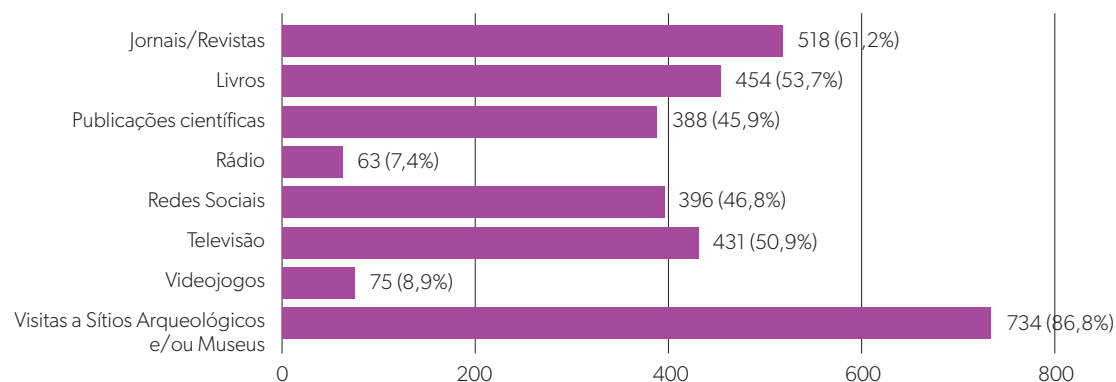


Figura 10 – Percentagem referente à resposta sobre os principais meios de difusão da atividade arqueológica.

3.1. Onde considera que trabalhem os arqueólogos?

846 respostas

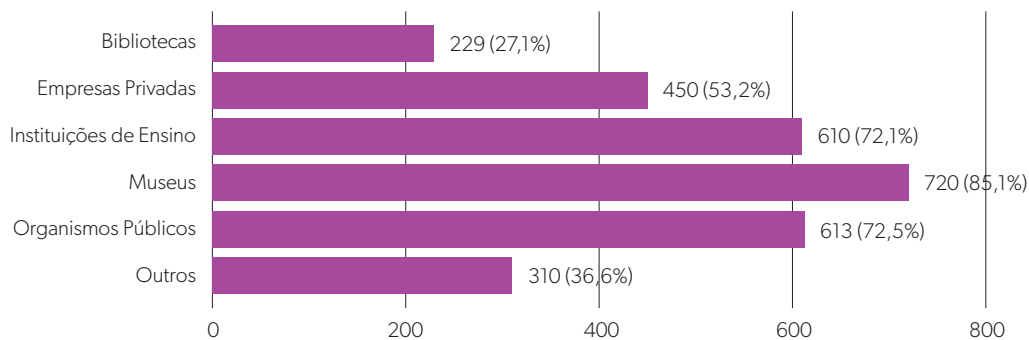


Figura 11 – Percentagem referente à resposta sobre os principais locais de trabalho dos arqueólogos.

3.2. Quão conhecida considera a profissão de arqueólogo pela parte do público em geral?

846 respostas

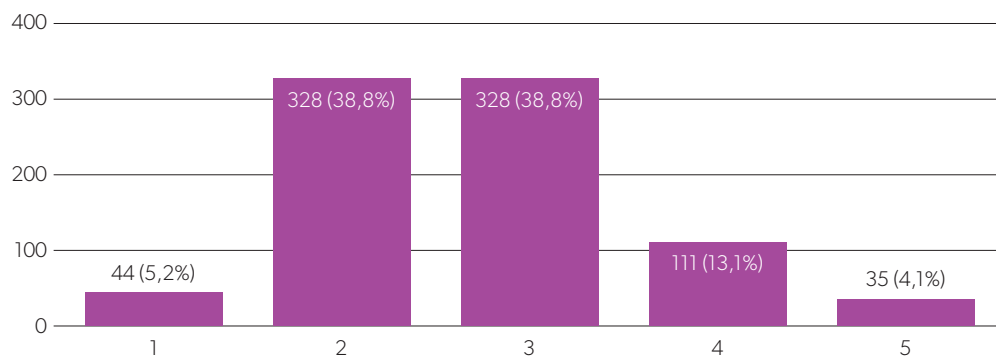


Figura 12 – Percentagem referente à resposta sobre o conhecimento da profissão pela parte do público.

4.3. Se sim, com que frequência?

846 respostas

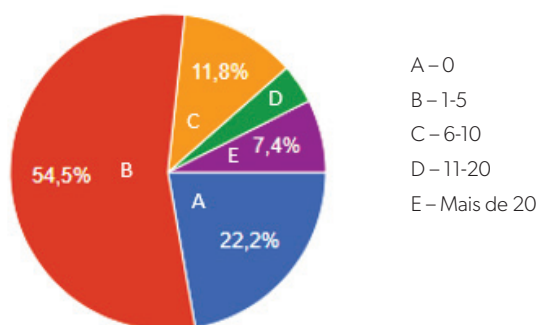


Figura 13 – Visita Sítios Arqueológicos? – Sim (648) / Não (198)

"Como teve conhecimento dos sítios arqueológicos?"	"Que sítios arqueológicos conhece?"	"Ao falar sobre Arqueologia, qual a primeira palavra que lhe ocorre?"
"Escola"; "Pesquisa pessoal"; "Visitas de Estudo"; "Família e Amigos"	"Çatal Huyuk, Gobleki Tepe, Tróia, Palmira, linhas de Torres"	"Conhecimento"; "Enigma"; "Descoberta"; "Mistério"
"Documentários"; "Roteiros Turísticos"; "Redes Sociais"; "Televisão"	"Teatro Romano de Lisboa, Ruínas na Sé de Lisboa"	"Magia"; "Paixão"; "Curiosidade"; "Desgraça"
"Passeando, lendo artigos"; "Comunidade Local"; "É perto da minha terra"	"Troia, Milreu, Alcalar, Lisboa vários (Sé, Castelo, Rua dos Correeiros, Casa dos Bicos, Citânia de Briteiros Cabo Sardão etc."	"Pré-História"; "Romanos"; "Calhaus"; "Cacos"
"O meu filho gosta e normalmente vamos visitar porque ele viu informação sobre o local"	"Ruínas romanas de Mérida e de mirobriga"	"História"; "Escavações"; "Cultura"; "Ruínas"
"Profissionalmente"; "Estudo arqueologia"; "Universidade"	"Conímbriga; Pintura rupestre do Cavalo de mazouco; Criptopórtico do Machado de Castro; Vale do Lapedo, ruínas romanas"	"Desemprego"; "Precariedade"; "Paciência".

Tabela 1 – Exemplos de resposta às questões "Como teve conhecimento dos sítios arqueológicos?"; "Que sítios arqueológicos conhece?" e "Ao falar sobre Arqueologia, qual a primeira palavra que lhe ocorre?", escolhidos aleatoriamente.

Arqueologia como Ciência	Arqueologia como Arte
"A Ciência que constrói a História."	"A arte de descobrir."
"Ciência que, a partir de objetos e estruturas, traz para o presente a história de civilizações, culturas e sociedades do passado."	"Uma forma romântica, não menos válida, de recuperar e fazer "História(s)"."
"Ciencia que estuda materias antigos para rescrever a Historia."	"É a magia, o mistério da descoberta de coisas que esperaram por nós durante séculos."
"A Arqueologia é a ciência que revela a História ao Mundo."	"A arte de mudar a história."
"Ciência que estuda o comportamento humano ao longo do tempo."	"descoberta, um olhar profundo... maravilhar-se!"
Arqueologia como Memória	Arqueologia como Cultura
"A arqueologia é um raio x aos "alzheimers" da história!"	"A "nossa" história, a "nossa" cultura..."
"A descoberta e preservação da memoria para um presente mais informado e um futuro mais sólido."	"ajuda-nos a compreender as culturas que nos antecederam que de outro modo permaneceriam esquecidas."
"preservação da memória histórica de culturas."	"Estudo das nossas raízes."
"Uma sociedade sem história é uma sociedade amnésica, a Arqueologia é o paleativo que temos para evitar perder a memória."	"A cultura e a vida dos nossos antepassados."
"Procura da memória colectiva da sociedade."	"Arqueologia é um acréscimo para a nossa cultura sobre o passado."
Arqueologia como Desilusão	Arqueologia como Esperança
"Em Pt pouco conhecido o q se faz."	"amor dedicação, prazer."
"Ciência de pouco interesse para o estado português."	"Descobrir o passado para conhecer o futuro!"
"Escravidura a recibos verdes."	"Sonho."
"Mal interpretada pela generalidade da população portuguesa."	"Paixão."
"Uma área vergonhosamente ignorada pela sociedade e pela politica."	"Amor e busca pelo conhecimento de eras passadas."

Tabela 2 – Exemplos de resposta à questão da definição da Arqueologia.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2020

www.arqueologos.pt